

*Simpósio
Internacional
de Literatura
Argentina*

As Bibliotecas Insaciáveis

Caderno

de Resumos

Caderno
de Resumos

Organização

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Raul Antelo (UFSC)
Profª. Dra. Liliana Rosa Reales (UFSC)
Prof. Dr. Roberto Ferro (Universidad de Buenos Aires)
Prof. Dr. Felipe Soares (UFSC)
Prof. Dr. Jorge Wolff (UFSC)
Prof. Dr. Jair Tadeu da Fonseca (UFSC)

COMITÊ CINTÍFICO

Prof. Dr. Raul Antelo (UFSC)
Prof. Dr. Noé Jitrik (Universidad de Buenos Aires)
Prof. Dr. Roberto Ferro (Universidad de Buenos Aires)
Prof. Dr. Carlos Eduardo Capela (UFSC)
Prof. Dr. José Roberto O'Shea (UFSC)
Profª. Dra. Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC)
Prof. Dr. Eduardo Becerra (Universidad Autonoma de Madrid)
Profª. Dra. Ana Luiza Andrade (UFSC)

COMISSÃO DE APOIO

Alexander Belivuk	Mariana Martinez Stasi
Ana Carolina Teixeira Pinto	Rubens da Cunha
André Schlichting	Santo Gabriel Vaccaro
Avelar Fortunato	Selomar Borges
Byron Vélez	
Edson Burg	
Gaston Cosentino	
Janete Elenice Jorge	
Luz Adriana Sanchez	
Maria Speack	

Sumário

Apresentação	6
Resumos	7
Rayuela e leitor: uma nova mirada. Acacio Scos	7
Las huellas del género. Sobre <i>Blanco nocturno</i> de Ricardo Piglia. Adriana Rodríguez Pérsico	8
Un pueblo angélico y sencillo. ensayos mitopoéticos de Leonardo Favio. Ana Amado	9
Cortázar e a perspectiva de um devir-axolotl. Ana Carolina Cernicchiaro	10
Lectores lunáticos y textos ilegibles. Acerca de las políticas de lectura de los escritores en la literatura argentina. Ana Cecilia Olmos	11
Paraísos inacessíveis: de Mallarmé a Cortázar. Ana Luiza Andrade	12
Borges <i>compadrito</i> e seu habilidoso <i>cuchillo</i> literário. André Rocha L. Haudenschild	13
a senha do sainete. Carlos Eduardo Schmidt Capela	14
Crônicas de viagens e a representação das cidades em <i>Primeiras viagens</i> de Ernesto Che Guevara. Cristiano Mello de Oliveira	15
Biblioteca Pizarnik. Daniel Link	16

Luis Guzmán y yo, ¿perdidos o calculados? Daniel Glaydson Ribeiro	17
O atraso, ou o ‘destiempo’ da ambivalência do pensamento de Macedonio Fernández. Davi Pessoa Carneiro	18
<i>Aguafuertes porteñas</i> : Uma melancolia do fracasso. Eleonora Frenkel	19
Jantar felicidade: os zumbis do espetáculo triunfante. Flávia Cera	20
O fio da trama borgeana Gastón Cosentino	21
Por un cine bastardo: apuntes sobre el cine argentino del presente. Gonzalo Aguilar	22
De cientista para escritor: a metamorfose de Sábato e o contexto literário argentino do século XX. Inês Skrepetz	23
Cozarinsky: os mortos sempre voltam. Felipe Soares	24
Além das bibliotecas e fronteiras: Artistas argentinos no Brasil. Jair Tadeu da Fonseca	25
Papéis esperados. Julio Cortázar redivivo. Jorge Wolff	26
Lendo um conto de Juan Rodolfo Wilcock. Kelvin Falcão Klein	27
A Buenos Aires de Roberto Arlt: um olhar para o expressionismo alemão. Janete Elenice Jorge	28
Materia e imaginario poético. Jorge Monteleone	29

La biblioteca fantástica y maravillosa de Roberto Arlt. Un recorrido por sus relatos finales. Laura Juárez	31
Astrada: entre Martín Fierro e Martin Heidegger. Liliana Reales	33
Anibal Cristobo: poesia, paralaxe. Manoel Ricardo de Lima	34
Assim agia o <i>compadrito</i> : o culto à coragem como demonstração de 'valor aristocrático' Miguel Angel Rodriguez	35
Tres inmersiones fugaces (Ensayo, cleptomnesis, desprendimiento). Noé Jitrk	36
Osvaldo Lamborguini: insaciable desabonado de la biblioteca argentina. Nuria Girona Fibla	37
Dispositivos e interpelações. Raúl Antelo	38
<i>Especular con el género. 'Esa mujer' de Rodolfo Walsh.</i> Roberto Ferro	39
Jorge Luis Borges y un tributo a Rafael Cansinos Assens. Santo Gabriel Vaccaro	40
Distorção da paisagem: Juan Ortiz e Arturo Carrera. Susana Scramin	41
Bibliotecas infernais. Tiago Guilherme Pinheiro	42
Maio de 69. Wladimir Antônio da Costa Garcia	43

Apresentação

Com o tema As bibliotecas insaciáveis, o Simpósio Internacional de Literatura Argentina em seu Bicentenário convida a pensar a produção literária, ensaística e crítica do país vizinho na perspectiva do marco de celebrações dos dois séculos de sua história.

A imagem de Bibliotecas insaciáveis aponta a caracterizar a convergência e a tensão das tradições que se entrecruzam na Literatura Argentina desde os primeiros movimentos de sua gestação, no século XIX, passando por sua esplêndida expansão no século XX, até chegar ao presente como ampla fonte de possibilidades para o futuro. A Literatura Argentina se desdobra em bibliotecas insaciáveis nas que os textos que foram se reunindo ao longo de dois séculos demandam insistentemente novas leituras, sempre outras a cada vez.

A imaginação criadora de suas narrações ficcionais e de suas invenções poéticas se trama indissolivelmente com a reflexão especulativa de sua escritura ensaística. Essas são suas dimensões constitutivas. Elas se entrecruzam colocando à prova os limites de qualquer taxonomia classificatória. As confrontações sociais, os debates intelectuais e políticos, as diversas problemáticas da existência atravessada pelas circunstâncias históricas, inscritas nos textos literários dessas Bibliotecas, aparecem marcadas por uma atitude frente às culturas canônicas que mescla conhecimento e desvio, o que outorgou á Literatura Argentina um perfil próprio e inconfundível.

Resumos

“*Rayuela* e leitor: uma nova mirada”

Acacio Scos

Universidade Federal do Paraná

O objetivo desta proposta é trabalhar com a concepção de leitor em Julio Cortázar, especificadamente no romance intitulado *Rayuela* (O Jogo da Amarelinha) e relacioná-la com a teoria da leitura. O romance em questão tem um lugar especial na obra do autor, que vai desde a ficção até escritos de teoria literária. No romance mencionado acima há capítulos que levam o nome de “Morellianas” e há reflexões a respeito do texto e leitor, criando assim um discurso literário dentro do discurso ficcional. Encontramos então, nesses capítulos reflexões sobre a figura do leitor. Objetivo principal deste artigo é debater as concepções de leitor a partir da própria obra e conceitos nela existentes, por exemplo: “Lector hembra” (leitor fêmea). E também avaliar o papel do leitor na construção de uma obra literária.

Acacio Scos é formado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, com o trabalho “Metalinguagem e Jogo em Julio Cortázar” com orientação da Profa. Dra. Silvana Oliveira. Atualmente é mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, com projeto em andamento que tem como objetivo analisar o leitor na obra *Rayuela* de Julio Cortázar.

“Las huellas del género. Sobre *Blanco nocturno* de Ricardo Piglia”

Adriana Rodríguez Pérsico

UBA

En una entrevista de 1984, dice Ricardo Piglia: “En definitiva, no hay más que libros de viajes o historias policiales. Se narra un viaje o se narra un crimen. ¿Qué otra cosa se puede narrar?” Fiel a su proyecto narrativo, *Blanco nocturno* se inscribe, a primera vista, en las reglas del género policial aunque quiebra la convención máxima del descubrimiento del asesino. Poco después, en 1986, en un diálogo con Saer, comenta: “Yo creo que hay una pasión en las ideas, como hay una pasión en los cuerpos. Y en este plano incluso uno puede pensar que la pasión de las ideas tiene más intensidad que la retórica de las pasiones”. Para esa pasión, la ficción opera como soporte del pensamiento mientras que el relato encuentra su origen en la actividad del pensar

Ambas citas funcionan como hilos que tejen las tramas de las dos últimas novelas, *Plata quemada* y *Blanco nocturno*. Una vez más, Piglia usa las reglas del género para hablar de otra cosa: de la aventura, de algunos mitos, de héroes muy peculiares, de la obsesión por las ideas. La elección de una cierta temporalidad (décadas de 1960 y 1970) dista de ser arbitraria. Como si el tiempo de la aventura perteneciera a un pasado inexorablemente ido, las novelas ponen en escena la inactualidad de la literatura. En *Blanco nocturno*, el anacronismo es la clave de bóveda.

Adriana Rodríguez Pérsico es profesora de Teoría Literaria en la Universidad de Buenos Aires e investigadora de CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científica y Técnicas). Ha enseñado literatura latinoamericana en las universidades de San Pablo (Brasil), Duke y Maryland (Estados Unidos) y en París 8 (Francia). En 2009, recibió la beca Guggenheim. Autora de *Relatos de época. Un cartografía de América Latina (1880-1920)* (Rosario, Beatriz Viterbo, 2008), que recibió el Premio de ensayo Ezequiel Martínez Estrada de Casa de las Américas (2010), *Un huracán llamado progreso. Utopía y autobiografía en Sarmiento y Alberdi*. (Washington, OEA, INTERAMER, 1992. 2da. Edición, 1993) y compiladora con Jorge Fornet de *Ricardo Piglia: una poética sin límites*. Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, Colección Antonio Cornejo Polar, 2, Universidad de Pittsburgh, 2004. Escribió también numerosos ensayos sobre literatura argentina y latinoamericana y teoría literaria.

“Un pueblo angélico y sencillo. Los ensayos mitopoéticos de Leonardo Favio”

Ana Amado

UBA

En su documental *Perón. Sinfonía del sentimiento* Favio funde en un molde cristiano las tramas del peronismo y crea una vasta alegoría del desconsuelo de un pueblo confiado, arrasado por una conjura diabólica. Manipulando imagen y sonido recompone los hechos ocurridos como escenas imprecisas y demuestra – según lo hiciera Eisenstein desde sus primeras obras - que la técnica del montaje cinematográfico repite la metodología formal del mito para narrar la historia. Las épicas obreras, la felicidad comunitaria, el poder de la técnica, el diseño popular de imágenes junto al despliegue de simbologías combatientes conforman el mapa temático y visual con los que Favio repolitiza la estética, con procedimientos que caben en el marco del debate actual sobre el retorno histórico en el terreno del arte. Al mismo tiempo define una de las posiciones en debate en Argentina respecto de las herramientas ideológicas del “populismo”, que desde otro punto de vista es identificado negativamente con el peronismo y como tal objetado por su apelación al mito como vía de falsificación de la realidad.

Ana Amado es Doctora en Letras y Humanidades y Profesora en el grado y el posgrado de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Ha sido profesora visitante en Duke y en Princeton, en la Universidad ARCIS de Santiago de Chile y en la Universidad Nacional Autónoma de México. Ejerció la crítica de cine en los principales periódicos de México y Argentina, realizó obras de radioteatro y films documentales. Es autora de *La imagen justa. Cine argentino y política, 1980-2007* (2009), co-autora de *Lazos de familia. Herencias, cuerpos, ficciones* (2005), *Espacios para la igualdad* (1998). Cuenta con numerosos escritos sobre su especialidad en libros y publicaciones nacionales y extranjeras. Recibió la Beca Guggenheim 2010.

“Cortázar e a perspectiva de um devir-axolotl”

Ana Carolina Cernicchiaro

UFSC

No conto “Axolotl”, de Julio Cortázar, mais do que qualquer perseverança no ser ou fixação de identidade, o que interessa é a instabilidade, a desterritorialização, o contato, o contágio, o devir. Neste sentido, o texto expõe o eu como limiar, como porta entre duas multiplicidades, e se aproxima do perspectivismo ameríndio ao apresentar uma linha de fuga, que ultrapassa nossos dualismos, nossas classificações, nossas estabilizações, pela via do entre, do estar-entre.

Ana Carolina Cernicchiaro é doutoranda em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (PGL/UFSC) e bolsista CNPq. Desenvolve pesquisa sobre as relações entre literatura e perspectivismo ameríndio, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Medeiros. Mestre em Teoria Literária pelo mesmo programa, com a dissertação *Sousândrade-Guesa em “O Inferno de Wall Street”*: poéticas políticas, Cernicchiaro tem textos publicados em diversos periódicos acadêmicos e é co-autora do livro *Arte e animalidade*, publicado pela editora Katarina Kartonera em 2009.

“Lectores lunáticos y textos ilegibles. Acerca de las políticas de lectura de los escritores en la literatura argentina”

Ana Cecilia Olmos

USP

Hacia los años 70, la noción de ilegibilidad se instaló en la escena literaria argentina como criterio estético para definir prácticas de escritura que abrían el espacio de una discursividad autónoma que, liberada de las instancias de origen y fin de la palabra, le negaba al lector la posibilidad de organizar los signos en función de un sentido preestablecido. Se trataba de escrituras ilegibles en la medida en que ejercían un tratamiento transgresor sobre la lengua que desintegraba la convención del hecho comunicativo al proponer textualidades que se organizaban según una regla intrínseca e inusitada que se oponía con hostilidad a los hábitos de una comunidad de lectores. Entre otras, la literatura de Héctor Libertella y Luis Gusmán fueron representativas de la radicalidad de esas políticas de escritura. De carácter reversible, la noción de ilegibilidad no supone apenas una política de escritura sino también una política de lectura que, más allá del grado de subversión del canon que proponga, no renuncia a la posibilidad de organizar bibliotecas que, en última instancia, delimitan otro orden de lo legible (o un orden “otro” de lo legible) en el que una comunidad de lectores se reconoce. Este trabajo propone reflexionar sobre la interferencia de la noción de ilegibilidad en las bibliotecas que configuran los ensayos literarios y los textos autobiográficos de Libertella y Gusmán.

Ana Cecilia Olmos é Mestre em Teoria Literária (1994) e Doutora em Letras (2000). Professora adjunta de Literatura Hispano-Americana na Universidade de São Paulo e pesquisadora do CNPq. Atualmente concentra sua pesquisa no campo dos discursos críticos latino-americanos, na narrativa contemporânea e no ensaio de escritores. Além de artigos em periódicos acadêmicos, publicou o livro *Por que ler Borges*, São Paulo, Globo, 2008. Organizou em colaboração os livros: *Ensayos de narradores*. Córdoba, Alción, 2007; *Em primeira pessoa. Novas abordagens de uma teoria da autobiografia*, São Paulo, Annablume, 2009.

“Paraísos inacessíveis: de Mallarmé a Cortázar”

Ana Luiza Andrade

UFSC

“Os verdadeiros paraísos são os paraísos perdidos” (Proust). Seguem-se o artista Francisco Brennand (*Diálogos do Paraíso Perdido*) e os escritores Osman Lins (*Avalovara*) e Julio Cortázar (*Rayuela*) em suas passagens benjaminianas à modernidade. Os paraísos artificiais e as passagens a outros estágios de consciência (sinestesia e anestesia). Da cidade à terra como paraíso natural (jardins botânicos do inconsciente ou “infernos” paradisíacos). Paraísos de passagem enquanto imagens-malícia (Didi-Huberman), no tempo e no espaço: objetos. Do leque ao livro-objeto de Mallarmé. Tradutores de Poe, “Casa Tomada” leitora-cúmplice de “A Casa de Usher” retoma os modos de ler assim como “A Quelq’un au Paradis” se endereça e se reflete em “El Otro Cielo”.

Ana Luiza Andrade é professora de Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina, autora de *Osman Lins: criação e crítica* (São Paulo: Hucitec, 1987) *Transportes pelo Olhar de Machado de Assis* (Chapecó: Argos, 2001) e *Outros Perfis de Gilberto Freyre, voltas duras/dóceis ao cotidiano dos brasileiros* (São Paulo: Nankin Editorial, 2007). Organizou três reedições das crônicas machadianas (Chapecó: Argos, 2001) e escreveu outros capítulos de livros sobre Osman Lins, Machado de Assis, Clarice Lispector e outros; traduziu o livro de Susan Buck-Morss *Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o Livro das Passagens* (Belo Horizonte/Chapecó: EDUFMG/Argos, 2002) Atualmente traduz *Dreamworld and Catastrophe : the passing of mass utopia in East and West* também de Susan Buck-Morss. É líder do Núcleo de Estudos Benjaminianos (UFSC).

“Borges *compadrito* e seu habilidoso *cuchillo* literário”

André Rocha L. Haudenschild

UFSC

O artigo pretende investigar a narrativa borgeana como uma técnica estilística que se apropria do comportamento característico de uma histórica figura arquetípica: a do *compadrito* rioplatense - fruto direto do trânsito pendular entre a civilização e a barbárie da acelerada modernização de Buenos Aires na virada do século XIX ao XX.

De costas para o centro urbano e com os pés no arrabaldes portenho, o jovem Borges nos lança uma cosmovisão *arrabarela* ao deambular pelo cais da escrita: o lugar da *etopoiética* onde se dá a função estética e política de criação de si (segundo Foucault). Eis uma das principais estratégias da estética narrativa borgiana: o blefe, a *burla* e a coragem da invenção discursiva como heranças primordiais da experiência das margens.

André Rocha, natural de São Paulo, é poeta, cantor e compositor popular, tendo gravado diversos CDs autorais desde 1994, com Harpa, Voz e Violão. Atualmente realiza doutorado em Teoria Literária pela UFSC/ Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis/SC, exercendo pesquisa sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Celso Alano da Cruz, sobre a obra de Tom Jobim e a lírica da Bossa Nova.

“a sanha do sainete”

Carlos Eduardo Schmidt Capela

UFSC

O pensamento do próprio (do nomos e do domus, do locus, da natio) se esforça para atribuir o selo do natural a tudo aquilo de que se apropria, inclusive, senão principalmente, corpos, tanto físicos como textuais. Assim parece ter ocorrido com o sainete, quando aporta na Argentina. Assistimos então a um instigante processo de naturalização, ou, num vocabulário mais portenho, de “criolização” (pelo qual a crítica se solidariza com a ordem político-jurídica), de resto similar àquele que perpassa a representação/apresentação de imigrantes e estrangeiros. A pretensão é discutir, tendo por base exemplos encontrados no enorme contingente de peças teatrais encenadas e publicadas na Buenos Aires do início do século XX (de autores tais como Alejandro Berruti, Roberto Cayol, Vicente Martinez Cuitiño, Defilippis Novoa, Rafael de Rosa, Armando Discepolo, Nemesio Trejo, Federico Mertens, Alberto Novión, Carlos Mauricio Pacheco, Carlos de Paoli, Pedro Pico, Florencio Sanches, Alberto Vacarezza, entre outros), o imbricamento destes processos de naturalização - domesticação - de corpos.

Carlos Eduardo Schmidt Capela é Professor de Teoria da Literatura na UFSC e pesquisador do CNPq. Autor de *Juó Bananére irrisor, irrisório*, e co-autor de *Zublemd to Alle... manho*. Possui ainda ensaios, artigos e capítulos em diversas publicações nacionais e internacionais.

“Crônicas de viagens e a representação das cidades em *Primeiras viagens* de Ernesto Che Guevara”

Cristiano Mello de Oliveira

UFSC

O trabalho visa realizar uma incursão pela literatura de viagens e suas ramificações. Postulamos que no despertar dessas andanças reflexivas podemos dialogar com algumas formulações, problematizando algumas considerações já realizadas e divulga-las para o meio acadêmico. No corpo teórico desse trabalho dialogaremos com Tzevetan Todorov, Silviano Santiago, Octavio Ianni, Levi-Strauss, entre outros. Objetivamos esboçar algumas reflexões sobre as formulações da literatura de viagens, exemplificando-as e tecendo nossas interpretações. A contribuição desse artigo visa a divulgar a obra *Primeiras Viagens* para a conjuntura literária e tentarmos aproximar o pensamento do escritor Ernesto Che Guevara para o campo das discussões do leitor latino americano.

Cristiano Mello de Oliveira é mestrando em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina.

“Biblioteca Pizarnik”

Daniel Link

UBA

Como en los apuntes místicos que Pizarnik amaba y que persisten en su obra como ejercicios de teología negativa, siempre hay una paradoja que constituye la tensión entre expresión y sentido, entre contenido y continente. La biblioteca de Pizarnik no es exterior a su obra, pero tampoco es interior: Constituye un umbral de inteligibilidad, es decir, de transformación de la lengua en poema y viceversa: “Palais du vocabulaire” y “Casa de citas”: el encuentro amoroso y el despliegue incesante del sentido a lo largo de una serie.

Daniel Link es catedrático y escritor. Dicta cursos de Literatura del Siglo XX en la Universidad de Buenos Aires. Ha editado la obra de Rodolfo Walsh (*El violento oficio de escribir, Ese hombre y otros papeles personales*) y publicado, entre otros, los libros de ensayo *La chancha con cadenas, Cómo se lee* (traducido al portugués), *Clases. Literatura y disidencia, Leyenda. Literatura argentina: cuatro cortes, y Fantasmas. Imaginación y sociedad*, las novelas *Los años noventa, La ansiedad, Montserrat y La mafia rusa*, las recopilaciones poéticas *La clausura de febrero y otros poemas malos y Campo intelectual y otros poemas* y su *Teatro completo*. Es miembro de la Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) y la Latin American Studies Association (LASA). Fue becario del CONICET y de la Fundación Guggenheim (2004). Ha dictado conferencias y cursos de posgrado en las universidades Humboldt (Berlín), NYU (USA), Penn (USA), Princeton (USA), Rosario, Tulane (USA) y UFSC (Brasil), Birkbeck College (Londres). En 2007 estrenó su primera obra de teatro, *El amor en los tiempos del dengue*. Su obra ha sido parcialmente traducida al portugués, al inglés, al alemán y al italiano.

“Luis Gusmán y yo, ¿perdidos o calculados?”

Daniel Glaydson Ribeiro

USP

Un ensayo que debiera ser acerca de *El frasquito* (1973), la primera novela de Luis Gusmán, pero que fue modificado o desbaratado por la lectura de *La rueda de Virgilio, una autobiografía literaria* (1988), donde el autor echa como “ficción perdida” a sus tres primeras novelas por lo “mucho de realidad que tienen” (¡!), y así aísla la producción posterior por ser vacía de una experiencia de vida y llena de literatura (la escritura que deseaba hablar quiere ahora solo escribir). En *La ficción calculada* (1998), entonces, Gusmán se deja borrar por Kafka, Joyce, Flaubert. Este crítico o ensayista, delante de eso y de su propia congoja, pregunta de nuevo sobre: 1. qué puede decir un autor – si lo dejan vivir (¿pero como leerse a sí mismo?) – y 2. qué puede hacer aun el crítico cuando dice algo (¿la transparencia ideal o la opacidad sacrílega?).

Daniel Glaydson Ribeiro nasceu em Picos, Piauí. Formou-se em Letras na Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral, Ceará, com monografia sobre a *Anunciação e Encontro de Mira-Celi*, de Jorge de Lima, e hoje cursa Mestrado em Literatura Hispano-Americana na Universidade de São Paulo, dissertando sobre as condições e forjaduras da linguagem para a poesia épica moderna em *Altazor* de Vicente Huidobro, orientado por Ana Cecilia Olmos. Editou a *Famigerado*, revista virtual de literatura & adjacências. Expôs seus poemas no SESC em Sobral. Criou a música e os ruídos do espetáculo *Irremediável*, contemplado com o Myriam Muniz da Funarte. Participa na cooperação internacional entre a USP e a UBA.

“O atraso, ou o ‘destiempo’ da ambivalência do pensamento de Macedonio Fernández”

Davi Pessoa Carneiro

UFSC

A comunicação tem como objetivo pensar o procedimento da ficção do escritor argentino, que faz uma crítica à representação empreendida pelo realismo literário. Macedonio por várias vias questionava a crise da representabilidade, inventando um teatro, um romance, uma anedota que não estão, por exemplo, mais ligadas objetivamente a personagens, mas a conceitos, ou personagens-conceitos, proporcionando ao leitor, que também escreve em parceria, participar do próprio evento, convidando-o a chegar atrasado, salteando a leitura, deixando a ausência fazer parte da presença, deixando o esquecimento potencializar mais uma vez e de maneira diversa a manifestação da memória.

Davi Pessoa Carneiro é doutorando em teoria literária (UFSC), com pesquisa sobre a escritora italiana Elsa Morante e o argentino Macedonio Fernández, com orientação do prof. Raúl Antelo. É professor de língua e literatura italiana e tradutor de *A razão dos outros* (2009), *Ou de um ou de nenhum* (2010, Lumme Editor) de Luigi Pirandello. Traduziu também *Georges Bataille: filósofo* (2010, Edufsc, prelo) dos filósofos Franco Rella e Susanna Mati; *Desgostos* (2010, Edufsc, prelo) de Mario Perniola. Publicou também o livro *Terceira margem: testemunha, tradução* (2008, Editora da Casa), sobre as traduções italianas de Guimarães Rosa e sobre a relação do escritor mineiro com o tradutor italiano, Edoardo Bizzarri.

“*Aguafuertes porteñas*: Uma melancolia do fracasso”

Eleonora Frenkel

UFSC

Em uma crônica de Roberto Arlt publicada em dezembro de 1938, o busto de Francisco de Goya aparece condenado a contemplar as ruínas da igreja matriz de sua cidade natal, destruída durante a guerra civil espanhola. O narrador rumina espantado sobre a ironia do tempo que levou o gravurista dos desastres da guerra a restar, como monumento, em meio aos destroços. A questão que se abre é se esses destroços podem ser pensados como as ruínas de que fala Walter Benjamin no *drama barroco alemão*, como alegoria da concepção barroca da história sujeita às forças indomáveis da natureza; ou como os restos de que fala Eugenio d’Ors, que expressam a indecidibilidade da natureza e a força dinâmica que tensiona a arte barroca; ou, ainda, como manifestação do esvaziamento de uma pretensa racionalidade da história.

Eleonora Frenkel é doutoranda em Teoria Literária pela UFSC, onde desenvolve pesquisa sobre as crônicas de Roberto Arlt e suas relações com as gravuras de Francisco de Goya. É mestre em Estudos da Tradução pela mesma universidade, com dissertação sobre as traduções de *Los siete locos* (R. Arlt, 1929) para o português. Participou do livro organizado por Júlia Studart, *conversas, diferença n. 1* (Editora da Casa, 2009).

“Jantar felicidade: os zumbis do espetáculo triunfante”

Flávia Cera

UFSC

César Aira é autor de livros inclassificáveis. Primeiro pela inviabilidade de abarcar sob um gênero a sua escrita escorregadia e nada previsível, e também pela quantidade exorbitante de sua produção. Aira é o exemplo perfeito de uma biblioteca insaciável. Beatriz Sarlo (2006) conseguiu encontrar uma recorrência em suas obras: o abandono da trama; e, de fato, não encontramos coerência, continuidade, cronologia em seus livros. Ao contrário, ler César Aira é constatar que o conceito de literatura não pode ser outro senão o do anacronismo, ou ainda, o anacronismo é um procedimento inerente à literatura. Josefina Ludmer (2007), por outro lado, o colocou entre os autores das escrituras pós-autônomas, ou seja, escrituras que já não permitem a separação em dois pólos, e que operam, ou melhor, desoperam a esfera literária, em um sistema fusional entre realidade e ficção, passado e presente, etc. Em *La Cena*, livro que analisaremos, encontramos muitos dos elementos citados pelas duas críticas: a fronteira indecível entre ficção e realidade, entre ficção e teoria, o abandono da trama, mas também outros pontos, como a paixão do Real, a miniaturização, os mortos-vivos, que serão aspectos abordados neste texto.

Flávia Cera é Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutoranda pela mesma instituição sob a orientação do prof. Raúl Antelo. Desenvolve pesquisa sobre literatura brasileira contemporânea.

“O fio da trama borgeana”

Gastón Cosentino

UFSC

Este trabalho tem como objetivo propor uma leitura de La trama a partir das reflexões que faz Georges Didi-Huberman em O que vemos, o que nos olha, onde introduz uma ideia que alimenta um modo singular de abordar o fenômeno do olhar e da imagem. A figura do outro surge como elemento essencial para definir o olhar próprio. Não é possível cindir o olhar: é compartilhado sempre. E é esta contemplação plural que amplifica uma leitura possível, ou ilumina sob algumas coordenadas que justificam um novo olhar sobre o texto de Borges; vemos como opera a máscara do assassino no discurso da vítima. A figura do matador está esvaziada e, a sua vez, é a que completa e motiva o fluxo do texto a referências metatextuais. O que se reitera não é somente o desenlace, o assassinato, senão também, todos os elementos que, somados, levam a essa circunstância funesta: um jogo especular que abarca o insondável da conduta humana. Borges é consciente de este artifício, do dispositivo que detona, da disposição dos espelhos y com esta luz que encende, cria uma imagem muito dinâmica, que reverbera incensatamente y possibilita contornar o gesto na mitología, na literatura, na história, no cotidiano..

Gastón Cosentino es Profesor de Castellano, Literatura y Latín. Dictó clases de Lengua y Literatura en escuelas estatales de Buenos Aires y dio apoyo particular de Gramática Latina en la misma ciudad. En la actualidad da clases de español en el Instituto Cervantes de Florianópolis. Es orientado por la profesora Dra. Liliana Reales en la Maestría en Literatura (UFSC), en la investigación titulada: “O caos perfeito: a maquinaria aritmética de Roberto Arlt” Sus áreas de investigación son: Estudios Literarios y Culturales Latinamericanos y Relaciones entre Literatura y Filosofía. Es miembro activo del Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudios Literarios Latinoamericanos de la UFSC.

“Por un cine bastardo: apuntes sobre el cine argentino del presente”

Gonzalo Aguilar

UBA

Una vez Jorge Luis Borges definió al cine como “un arte bastardo”. Contra todas las apariencias, no se trataba de un denuesto sino de un elogio: en el cine no había pureza, había mezcla, perversión, desvío. A partir, entonces, de la definición borgiana, me preguntaré hasta qué punto el cine de hoy ha sido o no fiel a su condición bastarda.

“Introdução ao cinema argentino anômalo”

Gonzalo Aguilar

UBA

Las condiciones de producción y exhibición del cine han cambiado vertiginosamente en los últimos años. En la Argentina, ha tenido lugar lo que denomino *cine anômalo*, una producción que prescinde del apoyo del Estado y que traza alianzas inéditas en lugares inesperados. A partir de una lectura de *Historias extraordinarias* de Mariano Llinás propongo leer la categoría de lo anômalo como una llave del presente pero también para recorrer las películas del pasado y repensar la temporalidad del cine y su relación con lo real.

Gonzalo Aguilar es investigador del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) y profesor de literatura brasileña en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Ha sido profesor visitante en las universidades de Harvard y Stanford (USA) y de la Universidad de São Paulo (Brasil). Es autor de *Poesía concreta brasileña: las vanguardias en la encrucijada modernista* (2003, traducido al portugués), *Otros mundos: ensayos sobre el nuevo cine argentino* (2005, traducido al inglés), y *Episodios cosmopolitas en la cultura argentina* (2009). Tiene actualmente en prensa dos libros: *Por una ciencia del vestigio errático (Ensayos sobre la antropofagia de Oswald de Andrade)* -en colaboración con Alexandre Nodari- y *Borges va al cine* en colaboración con Emiliano Jelicié.

“De cientista para escritor: a metamorfose de Sábato e o contexto literário argentino do século XX”

Inês Skrepetz

UFPR

Nesta breve trajetória intelectual que faremos de Sábato no século XX, pretendemos expor um pouco do pensamento ensaístico e a criação literária neste percurso de intensa produção do autor argentino. É neste contexto de intensas produções literárias e conflitos ideológicos que Sábato encontra o seu “destino”; seduzido pelo surrealismo na França, o qual não segue fielmente, e entusiasmado com o contexto cultural da época, ele abandona o racionalismo exacerbado e se dedica a estas problematizações do ser e do mundo, e suas interações, que serão constantes no decorrer das outras obras, sendo *Uno y el Universo* o marco de entrada, mais formalmente, de Sábato no contexto intelectual e literário da Argentina. Entre as suas várias produções, Sábato produziu muito mais obras ensaísticas do que romances, sendo estes apenas três: *O Túnel* (1948), *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) e *Abadón o exterminador* (1974).

Inês Skrepetz possui Graduação em Letras (2005) e Especialização em Língua Espanhola e Literaturas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (2007). Possui experiência Docente no Ensino Superior (FAFIUV). Integra o Grupo GENTE, com pesquisa na área de Literatura Hispana. É aluna do Programa de Pós Graduação em Literatura da UFPR (2009) e bolsista da CAPES. Faz parte do Grupo de Pesquisa “Linguagem e Cultura” da UFPR, sob Coordenação do Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalheest.jsp?est=7316506658729654>

“Cozarinsky: os mortos sempre voltam”

Felipe Soares

UFSC

No romance *Lejos de dónde*, de Edgardo Cozarinsky, o protagonista (da segunda parte) escuta de um amigo: “los muertos siempre vuelven, y las víctimas son los muertos más tenaces”. Proponho ler essa constatação como ponto de partida de boa parte das narrativas de Cozarinsky. Em primeiro lugar, entendo o ponto de partida, com Blanchot, como o lugar de onde brota a narrativa, lida porém, por fora da cronologia, como um todo. Assim como, em Blanchot, o lugar para onde as sereias teriam levado Ulisses é o ponto de partida da *Odisséia*, a proposição acima é o lugar (lejos de dónde?) onde várias narrativas de Cozarinsky surgem (ou vertem) inteiras num instante. O que vejo de importante nessa hipótese é que essa volta insistente de todos os mortos, essa tenacidade, ainda que variável, aponta para uma poética das imagens, em Cozarinsky, que nos traz não apenas mortos, mas, junto com eles, um passado (bergsonian) que não passa, que não acaba, mas se acumula (em alguns casos benjaminianamente), que enfim se mistura a nós, fazendo-nos ver que de fato não há ética possível que não surja da catástrofe.

Felipe Soares é professor do Curso de Graduação em Cinema e do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Letras (Inglês e Literaturas Correspondentes) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001), com tese sobre construção de imagens de identidade nacional (brasileira e americana) durante a Segunda Guerra, a partir do discurso em torno de Carmen Miranda. Possui mestrado em Literatura, também pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996). Tem pesquisado nas áreas de Letras e Artes, com ênfase em Estudos de Cinema, Teoria Literária e Crítica Cultural, optando por leituras assistemáticas, a partir, em geral, de pressupostos nietzscheanos.

“Além das bibliotecas e fronteiras: Artistas argentinos no Brasil”

Jair Tadeu da Fonseca

UFSC

Uma operação transcultural e interartística é necessária ao sobrevôo proposto sobre as trajetórias, do artista plástico Carybé, do cineasta Carlos Hugo Christensen, do músico Tony Osanah e do poeta Néstor Perlongher, no Brasil. Através de elementos de suas obras e trajetórias é possível repensar categorias como as de nacionalidade e cultura, em relação à subjetividade, à criação e ao imaginário artísticos. Para isso, a noção de hibridismo é importante como desafio à reificação de identidades, nas fronteiras móveis entre artes, culturas e nações. Se a desterritorialização implica a reterritorialização, e a transculturação substitui noções como as de aculturação e desculturação, o hibridismo - para não ser reificado conceitualmente - deve ser considerado em sua labilidade. E a transculturação deve ser tomada como processo constitutivamente heterogêneo e não de homogeneização. Embora a hegemonia identitária seja posta em questão, ela não deixa de se recolocar, de outros modos, sob outras formas, já diferidas e difusas.

Jair Tadeu da Fonseca é Professor de Teoria da Literatura e de Cinema na UFSC, Doutor em Literatura Comparada pela UFMG, com vários trabalhos publicados a respeito das relações entre as artes e seu alcance cultural. É também cancionista, com alguns discos gravados.

“Papéis esperados. Julio Cortázar redivivo”

Jorge Wolff

UFSC

O livro *Papéis inesperados* (2009) de Julio Cortázar comemorou os vinte e cinco anos da morte do autor, tendo sido rapidamente traduzido por uma editora brasileira, assim como a quase totalidade de seus livros. O presente trabalho buscará questionar as formas de leitura e circulação dos “papéis esperados” do escritor tanto na Argentina - onde carrega o estigma de “escritor para adolescentes” - quanto no Brasil - onde é lido como um escritor do nível de Jorge Luis Borges.

Jorge Wolff é mestre e doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor de Literatura Brasileira da mesma instituição. Autor de *Julio Cortázar. A viagem como metáfora produtiva* (Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998) e *Telquelismos latinoamericanos. La teoría crítica francesa en el entre-lugar de los trópicos* (Buenos Aires: Grumo, 2009). Tradutor de literatura e crítica argentina, é um dos editores da revista eletrônica *Crítica Cultural*.

“Lendo um conto de Juan Rodolfo Wilcock”

Kelvin Falcão Klein

UFSC

Este trabalho se ocupará da leitura de um conto do escritor ítalo-argentino Juan Rodolfo Wilcock incluído no livro *La sinagoga de los iconoclastas*. Trata-se de uma reflexão acerca do inventário de ideias bélicas e absurdas que aí tomam lugar. O livro é composto de ficções breves que tomam eventos históricos como base para uma releitura irônica dos fatos, e sua feição enciclopédica problematiza todo um sistema de catalogação e sistematização do próprio conhecimento histórico. Um exercício que contém sua própria crítica, em suma.

Kelvin Falcão Klein é doutorando em Teoria Literária pela UFSC, bolsista CNPq e Mestre em Literatura Comparada pela UFRGS.

“A Buenos Aires de Roberto Arlt: um olhar para o expressionismo alemão”

Janete Elenice Jorge

UFSC

A proposta do trabalho é observar como foi construída a Buenos Aires ficcional do escritor argentino Roberto Arlt no texto *Los siete locos* e *Los lanzallamas*, e através das características da cidade que emerge da narrativa, verificar de que maneira o texto arltiano dialoga com o expressionismo alemão. Serão capturados alguns traços característicos do expressionismo, em especial da pintura expressionista, para reconhecê-los na escritura arltiana. Acredito que o espaço nos romances de Arlt, relacionado à modernidade e à urbanização como fator negativo, também pode ser encontrado no expressionismo alemão numa releitura que coloca em diálogo as inquietações de alguns artistas alemães com as do escritor argentino.

Janete Elenice Jorge é doutoranda do curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Defendeu a Dissertação de Mestrado intitulada *A cidade expressionista de Roberto Arlt: a construção do espaço ficcional em Los siete Locos e Los Lanzallamas*. É Bacharel e Licenciada em Letras Espanhol e Literaturas pela mesma universidade e membro do Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos.

“Materia e imaginario poético”

Jorge Monteleone

UBA

La vaporización del objeto en Mallarmé –que implicaba la del sujeto– y su transubstanciación en Idea, suponía un gesto previo: un rechazo existencial de la materia. Ese gesto halló en lo imaginario un desplazamiento y una compensación, tanto como una conjura. En Proust la materia se espiritualiza o se transmuta, ya que los signos del arte son inmateriales. Bachelard hablaba del rabioso deseo de la imaginación por explorar la materia, hallando en ella intimidad u hostilidad y así la premisa de una imaginación material sería la de un sujeto transportado al interior de las cosas. El objetivismo explora el camino contrario: no hay ideas, dice W. C. Williams, “sino en las cosas”. Pero acaso sería posible indagar, antes que la transmutación imaginaria de la materia objetal, cierta resistencia de la materia como indicio u ocasión de lo imaginario. Nombrar la materia provoca en el poema la conformación de un imaginario específico que ni la transmuta, ni la idealiza, sino debe sostenerla en su visible permanencia, sus cambios de estado, su gravitación. ¿Cómo sería recorrer las bibliotecas de la poesía argentina atendiendo a la materia nombrada en el imaginario de sus textos? Del río de “sueñera y de barro” de Borges al neobarroso o al barro de la zanjita de Juan Desiderio; de la muselina y la surah de Lugones al hule o el látex de Perlongher. O bien el agua que transforma los cuerpos en Juanele o Viel Témperley; la tierra ingerida en Girondo o la soterrada de Biagioni; la sangre de Alejandra Pizarnik y la tinta de Liliana Ponce; la materia degradada en Aulicino a la materia leve de Battilana. La materia como polo dinámico del sujeto imaginario, pero no como dinamismo de las analogías metafóricas o mero indicio de las cosas.

Jorge Monteleone es escritor, crítico literario y traductor. Profesor en

Letras de la Universidad de Buenos Aires, es investigador en el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), especializado en teoría del imaginario poético y en poesía argentina desde 1983. Dicta seminarios de posgrado en universidades nacionales, obtuvo dos veces la beca del DAAD para desarrollar investigaciones y docencia en la Universidad de Köln, Alemania, y fue conferenciante en varias universidades extranjeras. Publicó cerca de doscientos ensayos críticos en libros y revistas académicas de América y de Europa, y estudios que acompañan ediciones originales de poetas argentinos (Hugo Padeletti, Hugo Gola, Diana Bellessi, María Negroni, Adrián Navigante, entre otros). Ejerce, desde 1990, el periodismo cultural en diversos medios audiovisuales (actualmente en el suplemento *adn Cultura* del diario *La Nación*, de Buenos Aires; en el diario *El Día*, de La Plata; y en la revista *Teatro* del Complejo Teatral de Buenos Aires). Integró la revista *Ulises*, entre 1978 y 1980, dirigida por Horacio Tarcus. Entre 1992 y 2006 dirigió el *Boletín de Reseñas Bibliográficas* y actualmente es secretario de redacción de la revista *Zama*, dirigida por Noé Jitrik, en el Instituto de Literatura Hispanoamericana de la Universidad de Buenos Aires. Fue fundador y codirector, con María Negroni, de la revista de poesía *Abyssinia*. Publicó *Ángeles de Buenos Aires* (con fotografías de Marcelo Crotti) (1992); *El relato de viaje* (1998); con Heloísa Buarque de Hollanda, *Puentes/ Pontes* (2003), la primera antología bilingüe de poesía argentina y brasileña; la antología de Alberto Girri, *Poemas selectos* (2010) y las antologías con motivo del bicentenario: *200 años de poesía argentina* (2010) y *La Argentina como narración* (a publicarse en 2010). Tradujo al español la controvertida pieza teatral de Copi, *Eva Perón* (2000), y prepara una edición de la correspondencia de Rimbaud.

“La biblioteca fantástica y maravillosa de Roberto Arlt. Un recorrido por sus relatos finales.”

Laura Juárez

UNLP

Las ficciones fantásticas marcan uno de los modos significativamente peculiares, preeminentes y distintivos en la narrativa argentina y en la escritura literaria del Río de La Plata. El caso de Roberto Arlt pone en evidencia una zona dentro de esa producción que no ha sido suficientemente analizada ni como corpus individual ni en relación a los contextos de su emergencia. Porque si es a mediados de la década del treinta y en los primeros cuarenta que en las letras argentinas se discute cómo narrar, y las definiciones en este marco tienden a la consolidación de lo fantástico en oposición al realismo, como una de las poéticas que empiezan a imponerse para la escritura de ficción, los relatos que Roberto Arlt escribe en ese período deben situarse en ese espacio y en ese conjunto de problemáticas.

En efecto, entre los nuevos rasgos, géneros y procedimientos que aparecen en la literatura de Arlt en esos años, los modos de lo fantástico y lo maravilloso que recorren su cuentística son centrales para considerar un giro de su textualidad en los años treinta y las formas en que su obra se redefine, modifica y reestructura. El recorrido que propone la ponencia considera cómo la conjunción de exotismo y fantástico con que insistentemente se constituyen estos textos, genera cierto tipo de narraciones que se acercan en muchos casos al orden de lo maravilloso y no siempre al de lo fantástico, pues es el escenario africano el ámbito donde se ubican las historias de estos relatos y lo fantástico se desarrolla preferentemente en un espacio exótico y alejado. Ahora bien, si en el campo literario se empezaban a imponer con Borges, Bioy Casares y Silvina Ocampo, los textos de aventuras, las narraciones policíacas y los relatos fantásticos, como el tipo de ficciones que abrían un lugar en

la literatura argentina, los cuentos de Arlt deben relacionarse y remiten indiscutiblemente a ese marco. No obstante, el anacronismo que aparece en muchos de sus textos y la apertura hacia lo maravilloso, hacen que la obra de Arlt siempre se inscriba en los contextos de su emergencia de un modo conflictivo y problemático.

Laura Juárez es profesora, licenciada y doctora en Letras, graduada en la Universidad Nacional de La Plata, Argentina. Se desempeña como investigadora del CONICET y docente de la cátedra de Literatura argentina B de la Universidad Nacional de La Plata. Su tesis doctoral se centró en el análisis de la obra de Roberto Arlt en la década del treinta. Ha publicado artículos y ensayos sobre Arlt y otros escritores argentinos en diversas revistas especializadas. En la actualidad estudia la producción de escritores periodistas en la prensa masiva de Argentina en un período que va desde 1930 a 1945.

“Astrada: entre Martín Fierro e Martin Heidegger”

Liliana Reales

UFSC

Trabalhando numa base conceitual heideggeriana, em sua leitura do *Martín Fierro*, o filósofo Carlos Astrada se propõe pesquisar e discutir de que modo o destino histórico do homem argentino se afastou o não do seu mito de origem e para isso centra a sua pesquisa no ser e o sentido do ser do mito de origem que para ele está cifrado no pampa, paisagem primordial ou cena primária do homem pampiano, que para o filósofo é “un ser de lejanía”, um ser de distância, de “horizonte em fuga”. Astrada entende que o poema de Hernández cifra, no mito do gaúcho “herói”, Martín Fierro, não somente as origens da argentinidade, quanto o seu destino social e histórico.

Liliana Reales é professora de Literatura do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras e do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina e Coordenadora do Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-americanos da mesma universidade. Doutora em Literatura pela UFSC, foi membro visitante do CRICCAL na Sorbonne Paris III e realizou seu pós-doutorado na França, onde foi professora visitante em Lille 3. Publicou *A vigília da escrita. Onetti e a desconstrução*, é co-autora de *Juan Carlos Onetti* para a revista *Fragmentos*, co-organizadora e co-tradutora de *Poesia Herege*, de Evaristo Carriego, co-organizadora de *Os anos de Onetti na Espanha*, organizadora de *Juan José Saer* (no prelo) e co-autora de vários livros didáticos.

“Anibal Cristobo: poesia, paralaxe”

Manoel Ricardo de Lima

UNIRIO

Este trabalho trata de uma breve leitura crítica da poesia de Anibal Cristobo (Buenos Aires, 1971) a partir da figuração da *paralaxe* e procura armar uma questão para a arte contemporânea através de um desvio do olhar histórico para o olhar político. Anibal Cristobo escreve o que chamo de *poesia anfíbia*, porque procura inserir seus poemas numa idéia da viagem como deslocamento e impossibilidade de retenção da experiência, porque faz uso do espanhol e da tradução imediata para o português num uso bilíngue da impressão e propõe, por fim, um outro uso da operação crítica do que se convencionou chamar de sistema literário (o argentino e o brasileiro) como ponto de contato com a história e ponto de apagamento da história.

Manoel Ricardo de Lima é poeta e professor de literatura brasileira na UNIRIO. É autor de *Falas Inacabadas* com Elida Tessler (Tomo Editorial, RS), *Entre Percurso e Vanguarda* (Annablume, SP), *As Mãos / The Hands* com tradução de Sérgio Bessa (Lumme Editor, SP), *quando todos os acidentes acontecem* (7Letras, RJ) entre outros. Organizador das coletâneas *A nossos pés* (Editora da Casa, SC) e *A Visita* com Isabella Marcatti (Barracuda, SP). Coordena a coleção *MóBILE* de mini-ensaios (Lumme Editor) e a série *Alpendre de Poesia* com Carlos Augusto Lima (Editora da Casa).

“Assim agia o *compadrito*: o culto à coragem como demonstração de ‘valor aristocrático’”

Miguel Angel Rodriguez

UFSC

O presente artigo procura relacionar o tema da moral aristocrática em Nietzsche com as qualidades do “*compadrito*” borgeano, sobretudo as apresentadas em *Evaristo Carriego*. Inicialmente, busca-se contextualizar a temática do culto à coragem na literatura de Jorge Luis Borges. Em seguida, tecem-se considerações acerca do entendimento que Nietzsche faz acerca da “moral aristocrática” e da “moral de rebanho”. Por fim, relacionam-se as características que compõem a figura do *compadrito* borgeano com os atributos que Nietzsche entendia como próprios da “moral dos senhores”.

Miguel Angel Rodriguez é formado em História pela UFSC. Tem Mestrado na área de História Cultural pela mesma instituição, defendendo a dissertação intitulada *Cinema clássico americano e produção de subjetividades: o cigarro em cena*. Atualmente é aluno do curso de Licenciatura em Letras-Ingês na modalidade a distância e do Programa de Pós-graduação em Literatura, ambos oferecidos pela UFSC. Atua como professor universitário lecionando as disciplinas de História Moderna e História da Educação, na Universidade Regional de Blumenau (FURB) e é membro do Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos da UFSC.

Miguel Angel Rodriguez é membro do Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos. Formado em História pela UFSC no ano de 2004, concluiu o mestrado na área de História Cultural pela mesma instituição, defendendo a dissertação intitulada *Cinema clássico americano e produção de subjetividades: o cigarro em cena*. Atualmente é aluno do curso de Licenciatura em Letras-Ingês na modalidade a distância e do Programa de Pós-graduação em Literatura, ambos oferecidos pela UFSC. Atua como professor universitário lecionando as disciplinas de História Moderna e História da Educação, na Universidade Regional de Blumenau (FURB).

“Tres inmersiones fugaces (Ensayo, cleptomnesis, desprendimiento)”

Noé Jitrk

UBA

Bajo el título general de “Tres inmersiones fugaces” presentaré tres ensayos que versan sobre “Desprendimiento/retención”, “Intertextualidad y cleptomnesis” y “El ensayo”. Este último intenta indagar en esta especie discursiva, considerada comúnmente como un género; el precedente se relaciona con los mecanismos de la escritura y su relación con la memoria; el primero, más literario en su forma, tiene cierto sesgo filosófico: intenta acercarse a estos conceptos rompiendo su costra semántica para sacarlos de la naturalización con que se los vive.

Noé Jitrk es “Profesor en Letras” de la Universidad de Buenos Aires. Enseñó de manera permanente en las Universidades de Córdoba, Buenos Aires, Besançon, El Colegio de México y la U.N.A.M. Es Director del Instituto de Literatura Hispanoamericana de la Universidad de Buenos Aires y Profesor Honorario en las Universidades de Buenos Aires, Uruguay y Los Andes (Venezuela); D.H.C. en la Universidad de Puebla (México), de Cuyo (Argentina) y del Uruguay. Publicó varios libros sobre literatura latinoamericana; sobre teoría literaria (*Temas de Teoría* (1987); poemas y novelas. Premios: “Xavier Villaurrutia” (1981) en México, Trayectoria Artística, Fondo Nacional de las Artes, Buenos Aires (1999); Chevalier des Arts et des Lettres (2003).

“Osvaldo Lamborghini: insaciable desabonado de la biblioteca argentina”

Nuria Girona Fibla

Universidad de Valencia

“¿Cómo se puede escribir tan bien?” se admiraba César Aira ante la escritura de Osvaldo Lamborghini, cuando unos años antes Germán García se había lamentado por esa “obstinada manera de Escribir Mal”. Derechos de lectura adquiridos o ajustes de cuentas, a las apreciaciones encontradas sucedieron lo que también se ha nombrado de diversas maneras: la “intriga” y la “Operación Lamborghini”, el “maldito mito” y la lamborghiniofilia, etc. No es posible dejar de evocar a este autor sin inaugurar campo de batalla o repetición (él mismo lo predijo: “llegaron los lectores / se acabó la fiesta”). Lo que no puede cesar de no escribirse, esa voracidad que arrastra significantes, lenguajes y tradiciones, anuncia el apuro de la lengua Lamborghini y de quien, fatigosamente, siempre *se excede* porque se lee mal: “¿Yo novela? / Pero ¡por favor!”.

Nuria Girona Fibla es profesora titular del Departamento de Filología Española (Universidad de Valencia, España). Actualmente dirige un equipo de investigación con el tema “Cultura y desarrollo. Prácticas, discursos y representaciones en imaginarios y procesos de desarrollo” y es subdirectora de Centro de Postgrado de la Universidad de Valencia. Entre sus publicaciones destacan los libros: *Escrituras de la historia. La novela argentina de la dictadura militar* (1995), *El lenguaje es una piel. Lecturas del cuerpo en textos hispanoamericanos* (1996) y *Rituales de la verdad. Mujeres y discursos en América Latina* (2008); las compilaciones: *Narrativa e historia* (2002), *Tropos del cuerpo* (2004) y las ediciones críticas de *Tala* y *Lagar* de Gabriela Mistral (2001) y de la *Vida* de Sor Francisca Josefa del Castillo (en colaboración con B. Ferrús, 2009).

“Dispositivos e interpelações”

Raúl Antelo

UFSC

A literatura é uma máquina de tempo. Mas numa literatura como a argentina, com não mais do que dois séculos de existência, quais as consequências de uma tal definição? Sua marcha é constante? É idêntico o tempo que a máquina capta em seus inícios e agora? A partir dos anos 60, os tempos sociais se aceleram, tornam-se vertiginosos e até mesmo encavalgados entre si, mas não menos problemáticos porque o já-vivido se nos impõe como uma ponte nem sempre sólida entre um passado mítico, detentor de glórias e identificações, mais ou menos épicas, e um tempo heterogêneo, de experiências pobres e imagens ausentes, que, mesmo enfraquecido, desenha um futuro ameaçador. A literatura como máquina temporal adquiriu, na Argentina, diversas feições. Pretendo analisá-las, da integração modernista, com Arlt ou Bioy, passando pela integração populista (*La Nueva Argentina*, um texto raro de Monteiro Lobato) até as posições adotadas pelo pensamento 68, na redemocratização do país.

Raúl Antelo é professor titular de literatura brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador-senior do CNPq, foi Guggenheim Fellow e professor visitante nas Universidades de Yale, Duke, Texas at Austin, Autónoma de Barcelona e Leiden, na Holanda. Presidiu a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). É autor de vários livros, dentre os últimos, *Algaravia. Discursos de nação; Transgressão & Modernidade; Potências da imagem; Maria com Marcel. Duchamp nos trópicos; Crítica acéfala e Ausências*. Colaborou em várias obras coletivas, tais como as histórias da literatura argentina de David Viñas e Noé Jitrik, *Literary Cultures of Latin America. A Comparative History, Lectures d'une oeuvre: Jorge Luis Borges; Arte de posguerra: Romero Brest y la revista Ver y estimar; A literatura latino-americana do século XXI e Argentina Hoy* (CCBB, São Paulo-Rio, 2009). Editou *Ronda das Américas* de Jorge Amado; *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*, bem como a *Obra Completa* de Oliverio Girondo para a coleção Archives da Unesco.

“Especular con el género. ‘Esa mujer’ de Rodolfo Walsh”

Roberto Ferro

UBA

“Esa mujer” de Rodolfo Walsh es el relato de una conversación en la que la insistente reiteración del pronombre demostrativo “Esa”, y su expansión en una red que sostiene la fuerza de su designación, marca y distingue la relación con la ausencia en la que se inscribe el diálogo. En la escena se relata un intercambio propio de la oralidad, las palabras y la gestualidad convergen y se diversifican: ése es el rasgo dominante del cuento; la anáfora, que se sobreimprime en la conversación instaaura y define el tipo de relaciones que se establecen entre los personajes actuantes, el escritor y el coronel. El título de mi trabajo “Especular con el género”, alude a los términos de una configuración que relaciona los enunciados con las formas que asumen los protocolos normativos: la referencialidad especulativa que resulta de la puesta en acto de prescripciones genéricas impone reglas al intérprete; se constituye pragmáticamente, puesto que esa especulación controlada trata de suturar el vacío tendido entre el discurso y el mundo al que el texto hace referencia; en ese proceso lo reflejado en la interpretación es tan sólo lo que la retícula genérica procesa. Pensados de este modo los géneros aparecen como figuras estáticas de lectura.

Roberto Ferro es escritor y crítico literario. Es Doctor en Letras por la Universidad de Buenos Aires, profesor e investigador de la Facultad de Filosofía y Letras. Ha dictado cursos de posgrado en Venezuela, México, Francia, Italia, Uruguay y Brasil. Forma parte del Consejo Editorial de numerosas revistas académicas y literarias. Entre sus libros publicados están *Lectura (h)errada con Jacques Derrida. Escritura y desconstrucción* (1995), *El lector apócrifo* (1998), *La ficción un caso de sonambulismo teórico* (1998), *Sostiene Tabucchi* (1999), *Línea de flotación* (2002), *Onetti. La fundación imaginada* (2003) *De la literatura y los restos* (2009), *Derrida. El largo trazo del último adiós* (2009), *Fusilados al amanecer* (2010) y ha dirigido el volumen dedicado a Macedonio Fernández de la *Historia crítica de la literatura argentina* (2007) y junto a Liliana Reales *Os anos de Onetti na Espanha* (2010).

“Jorge Luis Borges y un tributo a Rafael Cansinos Assens”

Santo Gabriel Vaccaro

UFSC

Rafael Cansinos Assens, novelista, crítico, traductor y figura determinante en el nacimiento del ultraísmo, movimiento literario español en épocas de vanguardias europeas, y Jorge Luis Borges, introductor de los principios ultraístas en Argentina, inician una duradera relación en la década del 20 del siglo pasado. Y es esta extensa relación, que comienza en las tertulias de Assens en el Café Colonial de Madrid, la que en este trabajo se quiere rescatar para proponerla como un símbolo de profunda admiración por parte del escritor argentino hacia su maestro español.

Santo Gabriel Vaccaro é graduado em Direito pela UNLP, Universidad Nacional de La Plata, Argentina. Também é Licenciado e Bacharel em Letras pela UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, e Mestre em Literatura pela mesma instituição, onde atualmente é doutorando no Curso de Pós-graduação em Literatura. Na mesma universidade foi pesquisador do grupo de investigação Produtividade Lingüística Emergente e é integrante do Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos. Ministrou minicursos e publicou alguns artigos sobre Jorge Luis Borges entre os que se destacam “Jorge Luis Borges: entre o lingüista e o filósofo”, “El mito del Minotauro en ‘La casa de Asterión’ de Borges y en ‘Los reyes’ de Cortázar” e “Influencias y confluencias: los textos inaugurales de Jorge Luis Borges”.

“Distorção da paisagem: Juan Ortiz e Arturo Carrera”

Susana Scramim

UFSC

A presença que a natureza tem na poesia de Juan Ortiz já foi comentada e analisada por seus críticos, contudo, é a paisagem que se desenha nessa poesia e não o mapa da região. A poesia de Arturo Carrera transita entre um naturalismo e um vitalismo com o qual se distorce a paisagem. O objetivo da leitura que aqui se empenha é o de ler e analisar as relações entre esses procedimentos poéticos.

Susana Scramim é professora Associada de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina. É doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Tem Pós-Doutorado na Universidade de Sevilla. É bolsista de Produtividade em Pesquisa nível 2 do Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq, Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Estudos Literários e Culturais – NELIC/ UFSC. Edita o Boletim de Pesquisa do Núcleo de Estudos Literários e Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina desde 2009. É autora do livro de ensaios de crítica literária *Literatura do Presente* (Ed. Argos, 2007). E do livro sobre Carlito Azevedo, para a coleção *Ciranda de Poesia* da Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ (publicação prevista para setembro de 2010). Possui ensaios publicados sobre poesia latino-americana, incluindo-se aí o tema da vanguarda estética concretista e os projetos de algumas poéticas do presente. Organizou e preparou para a editora Argos a coletânea de ensaios de Giorgio Agamben, sob o título de *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, em 2009, e também para editora Argos, organizou e preparou a publicação da tradução do livro do filósofo italiano Mario Perniola, sob o título *Enigmas. Egípcio, barroco, neo-barroco na sociedade e na arte*, em 2009.

“Bibliotecas infernais”

Tiago Guilherme Pinheiro

USP

Gostaria de examinar aqui algumas questões concernentes à obra do escritor argentino Jorge Luis Borges, buscando traçar, a partir da leitura de um dos seus contos mais famosos, “La Biblioteca de Babel”, a descrição de um mecanismo que proponho chamar de “bibliotecas infernais”, exibindo sua conexão com o “mal de arquivo”, tal como descrito por Jacques Derrida. Espero com isso oferecer uma pequena contribuição para a compreensão não só certas recorrências na obra de Borges, como também sugerir a importância que o problema vem tomando para a política e para a literatura latino-americanas.

Tiago Guilherme Pinheiro é bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela PUC-PR. Realizou pesquisas no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, além de participar do projeto *Guia de Leitura: Jorge Luis Borges* com Jorge Schwartz. Atualmente é doutorando pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, com a tese “Autonomia e neutralização: Representações do campo literário contemporâneo em Roberto Bolaño e J.M. Coetzee”, orientada pelo Prof. Dr. Marcos Piason Natali.

“Maio de 69”

Wladimir Antônio da Costa Garcia

UFSC

Maio de 69 é um desvio, um sintoma sem gênero, uma diferença. Relê, isto é, lê mais uma vez, de novo, a relação, o que vem entre poética e política. Para tanto, recorta, divide, calcula n-1: a história, os biografemas, os poemas: Walsh e Lamborguini. Entre eles transita um heroísmo (“*Yo no olvidaré*”) e uma ordem da promessa (“*gage, engagement*”): modos de expressão singular, modos de enfrentar o real (com sangue ou com sangue), pontos por onde vaza o olhar. Restituição e Destituição. Maio de 69 é uma celebração, uma fatia de caos, uma profecia, um sopro no tempo – “o que aconteceu?”, o que viria a acontecer, o devir-memória do silêncio e o devir-poema da memória (“*no pasarán*”).

Wladimir Antônio da Costa Garcia é professor da Universidade Federal de Santa Catarina, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Literatura e no Programa de Pós-Graduação. Pesquisa e orienta pesquisas sobre as relações (im)possíveis entre Artes, Filosofia e Educação.

Simpósio Internacional de Literatura Argentina

em seu Bicentenário



29/09, 30/09 e 1/10 de 2010

Organização



NELIC
Núcleo de Estudos
Literários & Culturais

Mostra de Cinema Argentino

Simpósio Internacional
de Literatura Argentina
em seu Bicentenário



20/09 a 24/09 de 2010

Apoio



Colóquio Internacional Tempo e movimento

Simpósio Internacional
de Literatura Argentina
em seu Bicentenário



04/10 a 06/10 de 2010



Consulado
REPUBLICA ARGENTINA
FLORIANOPOLIS
República Federativa do Brasil



MINISTERIO de
RELACIONES EXTERIORES
COMERCIO INTERNACIONAL y CULTO

Mostra de Fotografia

Simpósio Internacional
de Literatura Argentina
em seu Bicentenário



29/09 a 06/10 de 2010

<http://www.onetti.cce.ufsc.br/simposio>

<http://simposioliteraturaargentinaufsc.blogspot.com/>